

Raça, classe e marxismo¹

Keeanga-Yamahtta Taylor

Professora no Department of African American Studies
Princeton University (Estados Unidos)

¹ Tradução de Maíra Mee e revisão técnica de Deivison Mendes Faustino.

Raça, classe e marxismo

Resumo: Neste artigo, a autora desenvolve a conexão intrínseca entre racismo e capitalismo no interior do pensamento e política marxista. Em particular, discute as críticas comumente endereçadas aos marxistas de invisibilidade, reducionismo e desvalorização desta questão. Para tal, retoma a noção marxista de exploração, enxergando-a como conceito não apenas imediatamente econômico, mas também relacionado à produção de diversas desigualdades e privilégios.

Palavras-chave: 1. Raça; 2. Classe; 3. Marxismo

Race, Class and Marxism

Abstract: In this article, the author develops the intrinsic connection between racism and capitalism within Marxist thought and politics. In particular, it discusses the criticisms commonly addressed to Marxists of invisibility, reductionism, and devaluation of this issue. To do so, he takes up the Marxist notion of exploitation, seeing it as a concept not only immediately economic, but also related to the production of various inequalities and privileges.

Keywords: 1. Race; 2. Class; 3. Marxism

Na tradição marxista é possível encontrar uma ligação indissociável entre racismo e capitalismo. O capitalismo depende do racismo tanto como fonte de lucro quanto, o que é mais importante, como uma forma de dividir e dominar. O racismo é necessário para criar uma cisão entre os trabalhadores que, de outra forma, teriam tudo em comum e toda razão para se aliar e se organizar conjuntamente, mas ficam sendo perpetuamente afastados para o benefício da classe dominante.

Assim, qualquer discussão séria sobre libertação dos negros tem que assumir não apenas uma crítica ao capitalismo, mas também uma estratégia verossímil para acabar com ele. Para os marxistas, essa estratégia se apoia no potencial revolucionário de um levante unificado, multirracial e multiétnico da classe trabalhadora contra o capitalismo.

Os marxistas acreditam que o potencial para esse tipo de unidade depende de batalhas e lutas contra o racismo hoje. Sem um compromisso das organizações revolucionárias no aqui e agora com a luta contra o racismo, a unidade da classe trabalhadora nunca será atingida e o potencial revolucionário da classe trabalhadora nunca será realizado.

No entanto, apesar de todas as provas desse compromisso de combate ao racismo por muitas décadas, o marxismo é acusado de ser, na melhor das hipóteses, “cego” ao combate ao racismo e, na pior, “incapaz” de fazê-lo. Por exemplo, num artigo publicado em 2010, Tim Wise, conhecido comentarista que se autointitula “antirracista”, resumiu a crítica aos “ativistas de esquerda” que posteriormente definiu como marxistas. Em suas palavras:

“Ativistas de esquerda frequentemente marginalizam pessoas de cor² porque trabalham com um modelo de reducionismo de classe extremo, que sustenta que a ‘verdadeira’ questão é a classe, que ‘a única cor que importa é o verde’ e que questões como o racismo são meras ‘políticas de identidade’, que deveriam ficar em segundo plano em relação à promoção de um universalismo baseado na classe e de programas para ajudar os trabalhadores. Esse reducionismo, ignorando a forma como até a as pessoas de cor da classe média e as mais abastadas enfrentam racismo e discriminação de cor (e presumindo que as de cor de baixa renda e brancos de baixa renda são igualmente oprimidos, a despeito de abundantes evidências do contrário) reforça a negação branca, privilegia a perspectiva branca e descarta a realidade vivida pelas pessoas de cor.

Mais do que isso, como veremos, ele ignora a talvez mais importante lição política com relação à interação de raça e classe: a saber, a de que a maior razão pela qual há tão pouca consciência e unidade de classe nos Estados Unidos (e, assim, por que programas de classe para elevar o nível de vida de todos os que precisam são tão mais fracos aqui do que no resto do mundo industrializado), é justamente por causa do racismo e do modo como o racismo branco foi deliberadamente inculcado entre a gente trabalhadora branca.

Apenas confrontando-o diretamente (em vez de fugir do problema como os reducionistas de classe tentam fazer) poderemos ter a esperança de construir coligações inter-raciais e de classe. Em outras palavras, para as políticas favorecidas pelo reducionistas de classe funcionarem – sejam eles sociais-democratas ou marxistas – ou até para chegarem a existir, o racismo e a supremacia branca devem ser contestados diretamente” (WISE, 2010).

Nesta passagem, Wise acusa o marxismo de: “reducionismo de classe extremo” querendo dizer que os marxistas supostamente pensam que a classe é mais importante do que a raça; reduzindo as lutas contra o racismo a “meras políticas de identidade”; e demandando que as lutas contra o racismo fiquem “em segundo plano” em relação às lutas por questões econômicas. Wise (2010) também acusa os, assim chamados, “ativistas de esquerda” de reforçar a

² O termo “people of color” foi aqui traduzido literalmente como “pessoas de cor” em respeito à classificação racial dos Estados Unidos que usualmente engloba como tal não apenas os afrodescendentes, mas todas as pessoas que não descendam diretamente de europeus. (N. da T.)

“negação branca” e “descartar a realidade vivida pelas pessoas de cor” – o que, evidentemente, presume que todos os ativistas de esquerda e marxistas sejam brancos.

O que os marxistas realmente dizem?

Os marxistas argumentam que o capitalismo é um sistema baseado na exploração de muitos por poucos. Por ser um sistema baseado em grave desigualdade, ele requer diversas ferramentas para dividir a maioria – o racismo e todas as opressões sob o capitalismo servem a esse propósito. Além disso, a opressão é usada para justificar e “explicar” as relações desiguais na sociedade que enriquecem a minoria que vive do trabalho da maioria. Assim, o racismo se desenvolveu, inicialmente, para explicar e justificar a escravização de africanos – porque eram menos do que humanos e não mereciam a liberdade. Como Paul D’Amato (1999) escreveu:

“Todos aceitam a ideia de que a opressão dos escravos estava enraizada nas relações exploratórias de classe daquele sistema. Poucos reconhecem que, sob o capitalismo, a escravidão assalariada é o pivô em torno do qual todas as outras desigualdades e opressões giram. O capitalismo usou o racismo para justificar o espólio, conquista e escravidão, mas, como Karl Marx aponta, também usou o racismo para dividir e dominar – para colocar um setor da classe trabalhadora contra o outro e assim amortecer a consciência de classe” (D’Amato, 1999, p. 30).

Reivindicar, como fazem os marxistas, que o racismo é um produto do capitalismo não é negar ou diminuir sua importância ou o impacto na sociedade americana. É simplesmente explicar sua origem e as razões da sua perpetuação. Muitos da esquerda, hoje, falam sobre a classe como se ela fosse uma de muitas opressões, frequentemente descrevendo essa opressão como “classismo”. O que estão chamando de “classismo” é, na verdade, elitismo ou esnobismo e não a organização fundamental da sociedade sob o capitalismo.

Além disso, é comum hoje dizer que várias opressões, incluindo a classe, se interseccionam. Embora seja verdade que as opressões podem se reforçar e combinar umas às outras, elas nascem das relações materiais moldadas pelo

capitalismo e da exploração econômica que reside no coração da sociedade capitalista. Em outras palavras, é a estrutura material e econômica da sociedade que deu origem à gama de ideias e ideologias que justificam, explicam e ajudam a perpetuar essa ordem. Nos Estados Unidos, o racismo é a mais importante dessas ideologias.

Apesar de seus críticos vastamente acharem o contrário, o próprio Karl Marx estava plenamente consciente da centralidade da raça sob o capitalismo. Apesar de Marx não ter escrito extensivamente de maneira específica sobre a questão da escravidão e do seu impacto racial nas sociedades, escreveu sobre o modo como o capitalismo europeu surgiu do furto, estupro e destruição, tendo sabidamente escrito:

“A descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-negras caracterizam a aurora da era da produção capitalista” (MARX, 2013, p. 821).

Também reconhecia a extensão na qual a escravidão era central para a economia mundial. Escreve:

“A escravidão direta é o eixo da indústria burguesa, assim como as máquinas, o crédito etc. Sem escravidão não teríamos o algodão; sem algodão, não teríamos a indústria moderna. A escravidão valorizou as colônias, as colônias criaram o comércio universal, o comércio mundial que é a condição da grande indústria. Por isto, a escravidão é uma categoria econômica da mais alta importância.

Sem a escravidão, a América do Norte, o mais progressista dos países, transformar-se-ia num país patriarcal. Tire-se a América do Norte do mapa do mundo e ter-se-á a anarquia, a completa decadência do comércio e da civilização modernos. Suprima-se a escravidão e ter-se-á apagado a América do Norte do mapa das nações. A escravidão, por ser uma categoria econômica, sempre existiu nas instituições dos povos. Os povos modernos conseguiram apenas disfarçar a escravidão em seus próprios países, impondo-a sem véus no Novo Mundo”. (*Ibid.*, 1985, p. 108)

Assim, há um entendimento fundamental da centralidade do trabalho escravo na economia nacional e internacional. Mas e a raça?

Apesar da carência de escritos de Marx sobre a raça em particular, podemos nos voltar para suas correspondências sobre a Guerra Civil Americana para tirar conclusões a respeito do fato de que ele estava dogmaticamente focado apenas nas questões econômicas, como seus críticos dizem que estava.

Deve-se levantar a questão: se Marx era um reducionista, como se explica seu declarado apoio e envolvimento com as lutas abolicionistas na Inglaterra? Se Marx realmente fosse um reducionista econômico, poderia ter concluído que escravidão e capitalismo eram incompatíveis e simplesmente ter esperado a escravidão definhar. W.E.B. Du Bois (1998) em seu volume marxista *Black Reconstruction*, cita longamente uma carta redigida por Marx como líder da Associação Internacional de Trabalhadores, escrita para a Abraham Lincoln em 1864, em meio à Guerra Civil Americana:

“A disputa por territórios que inaugurou a época, não foi para decidir se o solo virgem de imensas extensões deveria ser casado com o trabalho imigrante ou ser substituído pelo senhor de escravos? Quando uma oligarquia de 300 mil senhores de escravos ousaram inscrever pela primeira vez nos anais do mundo ‘Escravidão’ na bandeira da revolta armada, quando, nos mesmos lugares, onde, nem um século atrás, a ideia de uma grande República Democrática brotou pela primeira vez, de onde a primeira declaração dos direitos do homem foi publicada (...) quando nos mesmos lugares a contra-revolução (...) sustentava que a escravidão era ‘uma instituição benéfica’ (...) e cinicamente proclamava que a propriedade dos homens era ‘a pedra angular da nova edificação’ (...) então as classes trabalhadoras da Europa entenderam de uma vez (...) que a rebelião dos senhores de escravos faria soar o sinal de uma guerra santa geral da propriedade contra o trabalho (...)

Consideram que é um sinal honesto da época vindoura, que tenha cabido à Abraham Lincoln, o filho determinado da classe trabalhadora, liderar seu país pelas inigualáveis lutas pelo resgate da raça acorrentada e da Reconstrução da ordem social” (MARX, 1864, p. 1).

Marx não apenas se opunha pessoalmente à escravidão e se organizava ativamente contra ela, mas também teorizava que a escravidão e a resultante discriminação de raça que deriva dela não eram problemas só para os próprios

escravos, mas para os trabalhadores brancos que estavam sob constante ameaça de perder emprego para o trabalho escravo.

Isso não significava que os trabalhadores brancos eram necessariamente empáticos com a causa dos escravos – a maioria não era. Mas Marx não estava abordando a questão de consciência, mas os fatores objetivos quando escreveu em *O capital*: “Nos Estados Unidos da América do Norte, todo movimento operário independente ficou paralisado durante o tempo em que a escravidão desfigurou uma parte da república. O trabalho de pele branca não pode se emancipar onde o trabalho de pele negra é marcado a ferro” (*Ibid.*, 2013, p. 372).

Além disso, Marx entendia as dinâmicas do racismo num sentido moderno também – como um meio pelo qual os trabalhadores que tinham interesses comuns e objetivos uns com os outros também poderiam se tornar inimigos mortais por causa de ideias racistas e nacionalistas subjetivas, ainda que reais. Vendo as tensões entre trabalhadores irlandeses e ingleses, com uma alusão à situação americana entre trabalhadores negros e brancos, Marx (1870) escreveu:

“Todos os centros industriais e comerciais da Inglaterra possuem uma classe trabalhadora dividida em dois campos hostis: proletários ingleses e proletários irlandeses. O trabalhador comum inglês odeia o trabalhador irlandês por acreditar ser um concorrente que rebaixa seu padrão de vida. Em relação ao trabalhador irlandês, ele se sente um membro da nação dominante e por isso se transforma numa ferramenta dos aristocratas e capitalistas de seu país contra a Irlanda, assim, fortalecendo a dominação daqueles sobre si mesmo. Ele aprecia preconceitos religiosos, sociais e nacionais contra o trabalhador irlandês. Sua atitude é muito similar à dos ‘pobres brancos’ com os ‘negros’ nos antigos estados escravistas dos EUA. O irlandês paga com juros na sua própria moeda. Ele vê o trabalhador inglês a uma só vez como cúmplice e ferramenta estúpida da dominação inglesa da Irlanda.

Esse antagonismo é mantido vivo artificialmente e intensificado pela imprensa, pelo púlpito, pelas revistas de humor, em suma, por todos os meios à disposição das classes dominantes. Esse antagonismo é o segredo da impotência da classe trabalhadora inglesa, apesar de sua organização. É o segredo através do qual o capitalista mantém seu poder. E essa classe tem plena consciência disso” (*Ibid.*, 1870, p. 2).

Dessa citação, pode-se ver uma teoria marxista de como o racismo funciona na sociedade contemporânea, depois que a escravidão terminou. Marx estava destacando três coisas. Primeiro, que o capitalismo promove competição econômica entre trabalhadores; segundo, que a classe dominante usa a ideologia racista para dividir os trabalhadores uns contra os outros; e, finalmente, que, quando um grupo de trabalhadores sofre opressão, ele impacta negativamente toda a classe.

Como a teoria Marxista do racismo se desenvolveu

Essas questões chegam ao cerne do capitalismo e realmente começam a abordar se o marxismo inclui as questões políticas nas econômicas.

Assim Marx descrevia a questão das ideias propriamente:

“A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanação direta de seu comportamento material. (...) Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante. (...) A consciência [*Bewusstsein*] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [*bewusste Sein*], e o ser dos homens é o seu processo de vida real” (*Ibid.*, 2007, p. 93-94).

Isso não significa que seres humanos são só autômatos sem pensamento, criatividade, ideias ou autonomia e que a vida é uma existência linear e determinada. A ação ou inação humana impacta constantemente e modifica o ambiente e o mundo ao nosso redor. Mas a atividade humana é moldada pelo material. O racismo é ideológico, mas tem implicações tangíveis no mundo real. Afirmar que o racismo é ideológico não o torna menos importante de alguma forma, mas notabiliza a diferença entre questões de condições materiais e consciência.

É inegável que algumas pessoas nas tradições socialista e marxista – a princípio no século XIX e início do século XX – partiram do princípio que, por afro-americanos estarem super-representados como trabalhadores, simplesmente focar na luta de classes iria, por si só, libertar os trabalhadores

negros e os pobres de suas opressões. Mas a teoria marxista sobre a “questão negra” certamente se desenvolveu desde então. O marxismo não deveria ser concebido como um dogma imutável. É um guia para a revolução social e a ação política e foi construído por sucessivas gerações de marxistas.

Mas a teoria não precede as condições materiais e sociais – ela deriva delas. Em meados da década de 1920, quando centenas de milhares de afro-americanos se deslocavam para o Norte urbano, socialistas e comunistas foram forçados a teorizar sobre como lidariam com trabalhadores negros em escala massiva – algo que nunca havia sido uma questão antes. O revolucionário negro Claude McKay relatou, como delegado da Internacional Comunista em 1922:

“Ao me associar com os camaradas dos Estados Unidos, encontrei demonstrações de preconceito nas diversas ocasiões em que camaradas brancos e negros tinham que se reunir e esse é o maior obstáculo que os comunistas dos Estados Unidos têm que superar – o fato de que eles primeiro têm que se emancipar das ideias que tinham sobre os negros antes de poderem chegar aos negros com qualquer tipo de propaganda radical” (Cooper, 1996, p. 179).

O revolucionário russo Lênin interveio diretamente no Partido Comunista americano (CP) e o orientou a imediatamente iniciar agitação política entre afro-americanos. Assim, a convenção de fundação do Partido Comunista em 1919 afirmava meramente que “a opressão racial dos negros é simplesmente a expressão de sua amarra e opressão econômica, uma intensificando a outra”. Em 1921, depois do envolvimento de Lênin com a questão, a abordagem afirmada pelo CP havia mudado e seu programa afirmava:

“Os trabalhadores negros nos Estado Unidos são explorados e oprimidos mais cruelmente do que qualquer outro grupo. A história dos negros do Sul é a história de um reinado de terror – de perseguição, estupro e assassinato (...). Por causa das políticas antinegros do trabalho organizado, os negros não têm esperanças de apoio dessa fonte e, ou foram levados ao campo dos inimigos do trabalho, ou foram compelidos a desenvolver organizações puramente raciais que buscam objetivos puramente raciais.

O Partido dos Trabalhadores apoiará os negros em sua luta por libertação e ajudará em suas lutas por igualdade econômica, política e social (...) Sua tarefa será destruir completamente a barreira de preconceito de raça que é usada para manter trabalhadores brancos e

negros afastados e ligá-los numa sólida união de forças revolucionárias para derrubar nosso inimigo comum” (FONER; ALLEN, 1987, p. 9).

No início da década de 1940, milhares de negros haviam entrado no Partido Comunista. As políticas do comunismo se tornaram o modelo político dominante para a maior parte do mundo não-branco quando centenas de milhares de pessoas não-brancas por todo o mundo se inspiravam nos escritos de Lênin sobre os direitos das nações oprimidas de lutar por sua liberdade. Lênin escreveu:

“O proletariado deve lutar contra a retenção forçada das nações oprimidas dentro das fronteiras do estado dado (...) O proletariado deve exigir a liberdade de separação política para as colônias e nações oprimidas pela ‘sua própria’ nação. De outra forma, o internacionalismo do proletariado não seria nada além de palavras vazias; nem a confiança nem a solidariedade de classe seria possível entre os trabalhadores das nações oprimidas e opressoras (...)

Por outro lado, os socialistas das nações oprimidas devem, em particular, defender e implantar a unidade completa e incondicional, incluindo a unidade organizativa, dos trabalhadores da nação oprimida e os da nação opressora. Sem isso, é impossível defender a política independente do proletariado e sua solidariedade de classe com o proletariado de outros países” (LENIN; LORIMER, 2002, p. 137).

Logo, é uma acusação estranha que o marxismo seja incapaz de compreender a natureza racializada do capitalismo se, ao mesmo tempo, se tornou a política que liderou a vasta maioria dos movimentos não-brancos de libertação nacional no século XX. A crítica ao marxismo também minimiza a extensão na qual os revolucionários negros e a própria luta negra moldou e impactou a trajetória do pensamento marxista.

Assim, C. L. R. James, o revolucionário negro do Caribe e colaborador do revolucionário russo Leon Trotsky, fez avançar a teoria marxista quando escreveu, profeticamente, em 1948, anos antes do surgimento do Movimento pelos Direitos Civis no Sul dos Estados Unidos:

“Dizemos, número um, que a luta dos negros, a luta independente dos negros, tem uma vitalidade e uma validade próprias; que ela tem profundas raízes históricas no passado dos Estados Unidos e em lutas presentes; ela tem uma perspectiva política orgânica, ao longo da qual

ela corre, de uma forma ou de outra, e tudo indica que no momento presente corre com grande velocidade e vigor.

Dizemos, número dois, que esse movimento negro independente é capaz de intervir com incrível força sobre a vida social e política da nação, apesar do fato de que é conduzido sob a bandeira dos direitos democráticos e não é liderado, necessariamente, nem pelo movimento trabalhista organizado nem pelo partido marxista.

Dizemos, número três, e isto é o mais importante, que é capaz de exercer uma poderosa influência sobre o proletariado revolucionário, que tem grande contribuição a fazer para o desenvolvimento do proletariado nos Estados Unidos e que é, em si, uma parte constituinte da luta pelo socialismo.

Desta maneira desafiamos diretamente qualquer tentativa de subordinar ou passar para trás a importância social e política da luta independente negra pelos direitos democráticos. Esta é a nossa posição. Foi a posição de Lênin 30 anos atrás. Foi a posição de Trotsky, pela qual lutou por muitos anos. Foi concretizada pela luta de classes geral nos Estados Unidos e pelas tremendas lutas do povo negro” (JAMES, 1948).

A questão dos trabalhadores brancos

Muito da controvérsia sobre marxismo e raça é se a teoria marxista compreende adequadamente a centralidade da raça na sociedade americana e além dela. Mas o que está realmente no centro do debate é a opinião dos revolucionários marxistas de que: 1) trabalhadores brancos não têm um *status* privilegiado neste país; 2) trabalhadores brancos podem ganhar consciência revolucionária; e 3) portanto, uma revolução da classe trabalhadora multirracial e unificada é possível.

Os marxistas partem da premissa de que todos os trabalhadores são oprimidos sob o capitalismo, mas alguns trabalhadores enfrentam mais opressões por causa de discriminações adicionais como racismo, sexismo, homofobia, ideias contra imigrantes, opressão religiosa etc. Assim, nos Estados Unidos, os trabalhadores brancos são oprimidos, mas não no mesmo grau que os trabalhadores não-brancos.

A opressão não é apenas uma ferramenta ideológica para dividir grupos de trabalhadores, ela também tem consequências materiais reais. Por causa do racismo, por exemplo, a renda familiar média das famílias brancas em 2006 era de mais de 50 mil dólares por ano. Das negras, era pouco menos de 32 mil dólares. Em todas as medidas da qualidade de vida nos Estados Unidos, os brancos estão no topo e os negros estão em baixo.

Os marxistas não negam que essas diferenças existem, nem negamos que a opressão significa que a vida de alguns trabalhadores é efetivamente pior do que a de outros. Para os marxistas, a questão é a causa das diferenças. As disparidades são resultado dos trabalhadores brancos se beneficiarem diretamente da opressão dos trabalhadores negros? Isto é, os trabalhadores brancos recebem mais em média porque trabalhadores negros recebem menos?

Aceitar essa explicação significa ignorar o maior beneficiário da disparidade dos salários – os empregadores e patrões. O uso do racismo pelos empregadores para justificar pagar menos para trabalhadores negros rebaixa os salários de todos os trabalhadores – os empregadores desfrutam da diferença.

Isso não é negar que trabalhadores brancos têm algumas vantagens na sociedade americana por serem brancos em uma sociedade racista. Se não tivessem alguma vantagem e, com ela, a ilusão de que o sistema funciona para eles o racismo não seria eficiente em dividir trabalhadores negros e brancos.

As distinções e diferenças entre os trabalhadores funcionam para criar uma visão distorcida da realidade que transforma as características atribuídas ao oprimido em um tipo de “senso comum” que, por sua vez, aprofunda essas divisões. Afro-americanos são mais pobres, têm habitações piores, frequentam escolas piores, têm expectativa de vida mais baixa e, geralmente, vivem em condições piores, o que ajuda a perpetuar a imagem na mente dos trabalhadores brancos de que afro-americanos são inferiores.

Mas o problema do assim chamado “senso comum” é que ele é baseado em aparências e informações superficiais e não chegam mais fundo para dar uma explicação sistêmica para as disparidades que existem na sociedade. Em vez disso, cria o que Friedrich Engels foi o primeiro a chamar de “falsa consciência”.

A falsa consciência é simplesmente a ideologia da classe dominante que é usada para explicar ou encobrir a realidade material. O problema é que os trabalhadores brancos, na medida em que aceitam a supremacia branca,

contribuem para a capacidade do capitalismo de explorá-los mais eficientemente. A vantagem puramente “psicológica” obscurece o déficit verdadeiramente real que a opressão racista ajuda a reforçar.

Du Bois (1998) explica como a “falsa consciência” funcionava no Sul e porque o movimento dos trabalhadores nunca se desenvolveu lá ao final da escravidão:

“O elemento de raça foi enfatizado para que os proprietários conseguissem o apoio da maioria dos trabalhadores brancos e para tornar mais possível a exploração do trabalho negro. Mas a filosofia de raça veio como algo novo e terrível para tornar a unidade entre os trabalhadores ou consciência de classe impossíveis. Enquanto os trabalhadores brancos do Sul pudessem ser induzidos a preferir a pobreza à igualdade com os negros, o movimento dos trabalhadores no Sul seria impossível” (DU BOIS, 1998, p. 680).

Para Du Bois, o racismo não era metafísico nem existia independentemente da classe. Seu desenvolvimento é resultado dos esforços de uma classe para manter o poder afastado de outra. Du Bois criou a famosa formulação na qual os pobres brancos ganham do racismo um “salário psicológico” – em oposição a um salário material. Mas o salário psicológico deveria fazer o trabalhador branco se sentir superior por não ser negro, mesmo que ele não tivesse nada material para comprovar isso.

Isso leva à questão: se não é do interesse dos trabalhadores brancos serem racistas, então por que aceitam ideias racistas? Mas a mesma pergunta pode ser feita sobre qualquer grupo de trabalhadores. Por que os homens aceitam ideias machistas? Por que trabalhadores negros aceitam ideias racistas contra imigrantes? Por que muitos trabalhadores negros caribenhos e imigrantes africanos acham que negros americanos são preguiçosos? Por que os trabalhadores americanos de todas as raças aceitam muitas ideias racistas sobre árabes e muçulmanos? Se a maior parte das pessoas concorda que é do interesse de qualquer grupo de trabalhadores ser mais unidos do que divididos, então por que os trabalhadores aceitam ideias reacionárias?

Há duas razões principais. A primeira é a competição. O capitalismo funciona sob as leis da falsa escassez, o que simplesmente significa que nos dizem que não há o suficiente para todos, então temos que competir uns com os

outros por habitação, educação, empregos e qualquer coisa valorizada na sociedade. Ainda que a escassez seja falsa, a competição é real e os trabalhadores que lutam por esses itens para melhorar suas vidas ou de suas famílias, frequentemente estão dispostos a acreditar no pior a respeito de outros trabalhadores para justificar por que podem ter algo que outros não podem.

A outra razão é, como Marx (2007) escreveu em *A Ideologia Alemã*, que as ideias dominantes de qualquer sociedade são as ideias da classe dominante. Vivemos em uma sociedade racista e, portanto, as pessoas têm ideias racistas. A questão mais importante é se essas ideias podem mudar. A consciência dos trabalhadores é fluida e contraditória por causa do conflito entre as “ideias dominantes” da sociedade e a experiência vivida. Então, por exemplo, ainda que a mídia inunde as pessoas com constantes imagens de negros como criminosos ou no seguro desemprego, a experiência das pessoas com negros no trabalho contradiz completamente o estereótipo.

O marxista italiano Antonio Gramsci explica o fenômeno da consciência mista da seguinte maneira:

“O homem das massas ativo tem uma atividade prática, mas não tem uma consciência teórica clara da sua atividade prática que, no entanto, envolve compreender o mundo na medida em que o transforma. Sua consciência teórica pode (...) estar historicamente em oposição à sua atividade.

Pode-se quase dizer que tem duas consciências teóricas (ou uma consciência contraditória): uma que é implícita na sua atividade e que na realidade o une com todos os colegas trabalhadores na transformação prática do mundo real e uma superficialmente explícita ou verbal, que herdou do passado e absorveu acriticamente. A pessoa é estranhamente composta: contém elementos da Idade da Pedra e princípios de uma ciência mais avançada, tem preconceitos de todas as fases da história em nível local e intuições de uma filosofia futura que será aquela de uma raça humana unida por todo o mundo” (GRAMSCI, 1932).

Se um grupo de trabalhadores tem consciência reacionária, mista ou até revolucionária, isso não muda seu objetivo e real função como trabalho explorado e oprimido. A questão da consciência afeta a despeito de os

trabalhadores estarem em posição de alterar fundamentalmente essa função através da ação coletiva ou não.

Só porque os trabalhadores brancos, para tomar um exemplo específico, podem, em distintos momentos, aceitar completamente ideias reacionárias sobre afro-americanos, isso não muda o fato objetivo de que a maioria dos pobres nos Estados Unidos são brancos, a maioria das pessoas sem seguro de saúde são brancas e a maioria das pessoas de rua são brancas. Ainda que negros e latinos sejam desproporcionalmente afetados pela realidade econômica dos Estados Unidos, hoje, num país que é mais de 65% branco, é uma realidade que compartilham com a maioria dos trabalhadores brancos.

Essa realidade compartilhada mostra o potencial de uma luta conjunta para melhorar as condições de todos os trabalhadores. Mas, pelo mesmo princípio, perder a batalha contra o racismo mina todo o projeto da revolução da classe trabalhadora. Como Du Bois (1998) explica em *Black Reconstruction* sobre a derrota das políticas de Reconstrução do pós-Guerra Civil que brevemente colocaram o poder do governo federal por trás dos direitos iguais para os escravos libertos:

“O sucesso político da doutrina da separação racial, que derrubou a Reconstrução unificando os agricultores e os pobres brancos foi em muito excedida por seus extraordinários resultados econômicos.

A teoria da unidade da classe trabalhadora se apoia na suposição de que os trabalhadores, apesar de invejas internas, vão se unir por causa de sua oposição à exploração capitalista. De acordo com isso, mesmo depois de parte da classe trabalhadora pobre branca se identificar com os agricultores e, enfim, deslocá-los, seus interesses seriam diametralmente opostos aos da massa dos trabalhadores brancos e, evidentemente, daquela dos trabalhadores negros. Isso colocaria trabalhadores brancos e negros em uma só classe, e precipitaria uma luta unificada por salários mais altos e melhores condições de trabalho.

A maioria das pessoas não percebeu o quanto isso fracassou no Sul e fracassou porque a teoria da raça foi suplementada por um método cuidadosamente planejado e lentamente desenvolvido, que criou tamanha barreira entre trabalhadores brancos e negros que provavelmente não há hoje no mundo dois grupos de trabalhadores com interesses praticamente idênticos que odeiam e temem um ao outro tão profundamente e persistentemente e que se mantém tão

afastados de modo que nenhum dos dois enxerga qualquer interesse em comum” (DU BOIS, 1998, p. 700).

Marxismo e a América negra hoje

Hoje, a necessidade de uma alternativa revolucionária aos fracassos do capitalismo nunca foi maior. A eleição de Barack Obama veio quarenta anos após a aprovação da Lei dos Direitos Civis, a última legislação de direitos civis da era dos direitos civis dos anos 1960. Apesar da enorme mudança nas atitudes raciais simbolizada pela eleição de um presidente negro num país construído, em grande parte, sobre a escravidão de pessoas negras, a condição da vasta maioria de afro-americanos, hoje, é precária.

Por quase dois anos, o desemprego negro flutuou entre 15% e 17%. Quase 20% de afro-americanos abaixo dos 65 anos não tem seguro de saúde em comparação com 15% do resto da população. De acordo com o *Center for Responsible Lending*,³ a residência financiada de um afro-americano ou latino tem 76% mais chances de sofrer reintegração de posse do que a de um branco.

A eliminação da propriedade residencial entre afro-americanos ameaça ampliar ainda mais a diferença no valor do patrimônio líquido familiar médio. Em 2007, a família branca média tinha um patrimônio líquido de mais de 171 mil dólares em comparação com menos de 29 mil dólares das famílias afro-americanas ou latinas. Mais de 25% de negros e latinos definham abaixo da linha oficial da pobreza e mais de um terço das crianças negras e latinas vivem em miséria.

Os perturbadores números que documentam o completo impacto do racismo e da discriminação nos Estados Unidos não têm fim. Mas, enquanto as condições na América negra ameaçam acabar com os ganhos econômicos possibilitados pelo movimento dos direitos civis, milhões de trabalhadores brancos estão encontrando seus irmãos e irmãs negros no descenso. Dezenas de milhões de trabalhadores brancos estão presos no desemprego de longa data, sem seguro de saúde e esperando a reintegração de posse de suas residências.

³ “Centro de Empréstimo Responsável” (N. da T.)

Assim, a questão da unidade de negros, latinos e brancos não é abstrata ou acadêmica. Ela deve ser uma discussão concreta sobre como avançar coletivamente.

Na maior parte do século XX, o racismo legalizado, tanto no Norte como no Sul, criou uma aliança de classe tensionada na comunidade afro-americana que estava focada em liberdade e tratamento igualitário. A fruição legislativa disso na forma de direitos civis legais removeu as barreiras para avançar para um pequeno setor da América negra. De fato, a “classe média negra” é tênue, frágil e, para muitos, a um ou dois salários de cair no ostracismo, mas uma elite negra mais ambiciosa definitivamente existe e seus objetivos e aspirações são abominados pelo futuro da massa de pessoas negras.

Nenhuma organização marxista séria demanda que trabalhadores negros ou latinos coloquem suas lutas em banho-maria enquanto uma luta de classes mítica é deflagrada de antemão. Essa formulação impossível se baseia na ridícula noção de que a classe trabalhadora é branca e masculina e, assim, incapaz de assumir as questões de raça, classe e gênero. Na verdade, a classe trabalhadora americana é feminina, imigrante, negra e branca. As questões dos imigrantes, as questões de gênero e antirracismo são questões da classe trabalhadora e perder isso de vista é trabalhar com uma ideia completamente anacrônica de classe trabalhadora.

Organizações genuinamente marxistas entendem que a única forma de conquistar a unidade na classe trabalhadora ao longo do tempo é lutar pela unidade hoje e todos os dias. Os trabalhadores nunca se unirão para lutar pelo poder estatal se não conseguem se unir para lutar pelas demandas do local de trabalho hoje. Se os trabalhadores brancos não são ganhos para a luta antirracista hoje, nunca se unirão com trabalhadores negros para uma revolução amanhã. Se trabalhadores negros não são ganhos para a luta para combater o racismo contra os imigrantes hoje, nunca se unirão com trabalhadores latinos para uma revolução amanhã.

É por isso que Lênin disse que um partido revolucionário baseado no marxismo deve ser “uma tribuna dos oprimidos”, disposto a lutar contra a opressão de qualquer grupo de pessoas, independentemente da classe dos afetados. E é por isso que, apesar das calúnias antimarxistas dos acadêmicos e até de pessoas que se consideram parte da esquerda, a ideia de que o marxismo

esteve do lado de fora da luta contra o racismo nos Estados Unidos e no mundo afronta a história e o legado dos revolucionários negros que entendem o marxismo como uma estratégia para emancipação e libertação.

O desafio hoje é fazer o marxismo revolucionário ser, mais uma vez, parte da discussão de como acabar com a catástrofe social que se desdobra nas comunidades negras nos Estados Unidos.

Referências bibliográficas

- COOPER, Wayne. *Claude McKay: Rebel Sojourner in the Harlem Renaissance: A Biography*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1996.
- D'AMATO, Paul. Marxism and Oppression. *International Socialist Review*. Chicago, n. 9, p. 29-37, 1999.
- DU BOIS, William. *Black Reconstruction in America*. Londres: Transaction Publishers, 1998.
- FONER, Philip Sheldon; ALLEN, James. *American Communism and Black Americans: A Documentary History, 1919-1929*. Philadelphia: Temple University Press, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. Notes for an Introduction and an Approach to the Study of Philosophy and the History of Culture. In: *An Antonio Gramsci Reader: XI Philosophy, Common Sense, Language and Folklore*, 1932. Disponível em: <http://www.naturalthinker.net/trl/texts/Gramsci,Antonio/q11-12.htm>.
- JAMES, Cyril. *The Revolutionary Answer to the Negro Problem in the US*. Marxists Internet Archive, Julho de 1948, disponível em: <https://www.marxists.org/archive/james-clr/works/1948/07/meyer.htm>.
- LENIN, Vladimir; LORIMER, Doug. *Marxism and Nationalism*. New York: Resistance Books, 2002.
- MARX, Karl. *Address of the International Working Men's Association to Abraham Lincoln, President of the United States of America*. 1864. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/iwma/documents/1864/lincoln-letter.htm>.
- _____. *Letter to Sigfrid Meyer and August Vogt In New York*. 1870. Disponível em: https://www.marxists.org/archive/marx/works/1870/letters/70_04_09.htm.
- _____. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1985.

_____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *O capital: crítica da economia política. Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2013.

WISE, Tim. *With Friends Like These, Who Needs Glenn Beck? Racism and White Privilege on the Liberal-Left*. Agosto, 2010. Disponível em: <http://www.timwise.org/2010/08/with-friends-like-these-who-needs-glenn-beck-racism-and-white-privilege-on-the-liberal-left/>.